



Hortas Escolares para desemparedar, cultivar cidadania e (re)existir ¹

Vitória Regina Casagrande Viel²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

<https://orcid.org/0000-0002-1689-8287>

Sandra Lilian Silveira Grohe³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

<https://orcid.org/0000-0002-3126-8259>

Rodrigo Manoel Dias da Silva⁴

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

<https://orcid.org/0000-0001-8501-5903>

Resumo: Este artigo parte da experiência de desemparedamento vivenciada pelo projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania de São Leopoldo/RS. O projeto foi pensado a partir da necessidade de reconexão com a natureza e de manutenção dos espaços de hortas escolares. Seguiu-se uma abordagem quali-quantitativa, sendo uma fase de aprofundamento teórico e outra de coleta de dados. Foram identificadas 66 hortas e, destas, quatro (4) foram selecionadas para o acompanhamento de suas atividades de cuidado e plantio. Observou-se que o projeto se fundamenta no contexto das relações com a natureza, priorizando o pensamento crítico da realidade, reconhecendo melhores condições de vida para as gerações atuais e futuras, de todos os seres vivos, não só humanos. Também propõe estimular a percepção ambiental, promovendo a educação ambiental crítica para a sustentabilidade, na ressignificação dos sujeitos e da sua relação com a natureza em seus espaços educativos, de forma mais ecológica, social e intercultural, numa era que precisamos revelar coragem para enfrentar esses desafios.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Desemparedamento. Hortas Escolares. Sustentabilidade.

¹ Recebido em: 29/11/2024. Aprovado em: 12/02/2025.

² Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Mestra (2009) em Educação pela UNISINOS (2009). Bióloga, Educadora e Consultora Ambiental. Email: totiviel@gmail.com

³ Pós-doutoranda em Educação pela Universidade do Rio dos Sinos - UNISINOS; Doutora em Educação pela UNISINOS; Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUCRS; Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande -FURG; Graduada em Pedagogia pela Universidade da Região da Campanha- URCAMP. Email: sandragrohe@gmail.com

⁴ Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2005), Mestre (2008) e Doutor (2012) em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Email: rodrigods@unisinos.br

Huertos escolares para desemparejar, cultivar ciudadanía y (re)existir

Resumen: Este artículo se basa en la experiencia de desapego vivida por el proyecto Hortas Escolares: Cultivando Ciudadania en São Leopoldo/RS. El proyecto fue diseñado a partir de la necesidad de reconectarse con la naturaleza y mantener los espacios de los huertos escolares. Se siguió un enfoque cuali-cuantitativo, con una fase de profundización teórica y otra de recolección de datos. Se identificaron 66 huertos y, de estos, se seleccionaron cuatro (4) para monitorear sus actividades de cuidado y siembra. Se observó que el proyecto se sustenta en el contexto de las relaciones con la naturaleza, priorizando el pensamiento crítico sobre la realidad, reconociendo mejores condiciones de vida para las generaciones actuales y futuras, de todos los seres vivos, no solo de los humanos. También propone estimular la percepción ambiental, promoviendo la educación ambiental crítica para la sostenibilidad, en la redefinición de los sujetos y su relación con la naturaleza en sus espacios educativos, de una manera más ecológica, social y intercultural, en una era en la que necesitamos revelar valentía para enfrentar estos desafíos.

Palabras-clave: Educación Ambiental. Desemparejamiento. Huertos Escolares. Sostenibilidad.

School Gardens to get out of the walls, cultivate citizenship and (re)exist

Abstract: This article is based on the experience of detachment experienced by the Hortas Escolares: Cultivando Cidadania project in São Leopoldo/RS. The project was designed based on the need to reconnect with nature and maintain school garden spaces. A qualitative-quantitative approach was followed, with a phase of theoretical deepening and another of data collection. 66 gardens were identified and, of these, four (4) were selected for monitoring of their care and planting activities. It was observed that the project is based on the context of relationships with nature, prioritizing critical thinking about reality, recognizing better living conditions for current and future generations, of all living beings, not just humans. It also proposes to stimulate environmental perception, promoting critical environmental education for sustainability, in the redefinition of subjects and their relationship with nature in their educational spaces, in a more ecological, social and intercultural way, in an era in which we need to reveal courage to face these challenges.

Keywords: Environmental Education. Break Barriers. School Gardens. Sustainability.

INTRODUÇÃO

E, na verdade, não existia uma verdadeira separação - nós de um lado; as plantas e os animais ou os rios de outro. Éramos verdadeiramente próximos porque dependíamos do meio natural no seu estado selvagem para sobreviver: precisávamos de frutos e bagas que cresciam nas árvores; do peixe dos rios e dos mares; dos animais, grandes e pequenos, que nos esforçávamos para caçar (Dias *et al.*, 2014, p. 09).

A epígrafe acima é parte do livro “Lá Fora: Guia para descobrir a natureza” (2014), de autoria de Maria Ana Peixe Dias e colaboradores, lançado pela editora portuguesa Tangerina. O livro evidencia o quanto as vidas urbanas estão marcadas pelas paredes, calçadas, muros e edificações. Muros e paredes que aprisionam e dão uma falsa impressão de segurança, separação e afastamento do ambiente hostil, repleto de animais e plantas, estes denominados de natureza. Os autores do referido livro ressaltam que “a

natureza era como alguém vivo, como um Deus com quem se pode conversar, a quem se pede muito alguma coisa ou se pode oferecer um presente em troca de um grande favor” (Dias *et al.*, 2014, p. 09). Os povos originários ainda guardam em si essa divindade de pensamento. Mas o fato é que a grande maioria das pessoas que vivem em centros urbanos, ao longo do tempo da vida humana na Terra, foi se afastando, já não sentindo mais a necessidade de ser natureza, de agradecer ou pedir. A ação de agradecer e pedir, foi substituída pelo verbo usar. Uso desenfreado dos recursos naturais, sem se preocuparem com as consequências e com as futuras gerações (humanas e não-humanas). Em diversos contextos e situações, o ser humano chega a definir a natureza sem se colocar dentro dela, “uma espécie de nó górdio da vida que une todos os seres vivos em uma única Mãe Terra. Assim, abriu-se caminho para dominá-la e manipulá-la” (Acosta, 2016, p. 101).

Nesse contexto, não podemos ser ingênuos ao culpar os seres humanos pelo distanciamento em relação à natureza. Vivemos em uma era dominada pelo consumo e pelo capitalismo, na qual, desde a Revolução Industrial, a humanidade passou a seguir uma lógica de vida voltada para a expansão comercial, a produção e o mercado.

O resultado dessas mudanças foi uma significativa alteração de comportamento das sociedades humanas frente à natureza. Houve uma grande mudança na concepção de natureza, passando de um todo orgânico para uma simples ideia mecanicista e materialista, que produziu efeitos que ainda hoje perduram, notadamente sobre a atitude das pessoas em relação ao meio ambiente natural (Silva, 2006, p.3).

Nesta separação, ser humano/natureza, desconsidera-se que a existência humana está “entrelaçada com outros seres, entes e fenômenos viventes, e, que, portanto, se potencializa neste estado de entrelaçamento” (Tiriba *et al.*, 2023, p. 1). Esta reflexão, principalmente quando relacionada a vida urbana emparedada e a reconexão com o ambiente vivo, também impacta fortemente os espaços educativos contemporâneos. Especificamente, quando nos referimos às escolas, estes são espaços que, histórica e sociologicamente, emparedam as crianças e adolescentes, não só no sentido físico, mas a partir de concepções e propostas pedagógicas marcadas por uma visão de mundo antropocêntrica, racionalista, individualista e colonialista.

Tiriba, ao se referir às escolas públicas, destaca que a situação das crianças nestes espaços é crítica quando o assunto é o lugar do brincar. Por estarem, em sua maioria, nas periferias das cidades, em zonas de conflitos e injustiças, são privadas “de

acesso a espaços verdes, bens e serviços ambientais.” (Tiriba *et al.*, 2023, p. 6). A proposta de desemparedar as crianças de Léa Tiriba, traduz a necessidade de ir para fora, para além dos portões, sendo este o primeiro passo em movimento metodológico de integração ao ambiente. Andar livremente pelos espaços ao ar livre da escola é o mínimo necessário para a reconexão com a natureza.

As concepções e práticas educacionais que separam ser humano de natureza, que emparedam as crianças, segundo Tiriba,

está relacionada ao objetivo de produção de corpos dóceis de que o capitalismo necessita. De fato, o processo de estatização da sociedade, que possibilitou as condições de plena instalação do projeto capitalístico, está indissoluvelmente ligado ao caráter disciplinar desta sociedade. Assim, o que podemos concluir é que os desequilíbrios ambientais - gerados pelo sistema capitalista urbano industrial patriarcal e evidenciados num plano macropolítico, molar - correspondem, no plano micropolítico, molecular, ao sofrimento produzido pela lógica do aprisionamento (Tiriba, 2005, p. 210).

Essa lógica de aprisionamento chega até as residências, assim como nos espaços educativos, sem promover o encontro com a natureza, especialmente em contextos urbanos. Paula Sibilia (2012), nos convida a pensar a escola como aos espaço moderno de paredes, configurado para a produção de moldes e maquinarias subjetivas, que formam crianças e instituições - recuperando o pressuposto de que a Modernidade inventou a escola e seus frequentadores, a saber: a infância.

Casas e escolas sem quintais fazem parte desses cenários. Os quintais são espaços que nos aproximam do ambiente natural, que servem à curiosidade, à interação, à observação e promovem muitas vivências e lembranças. O pesquisador Mogar Damasceno Miranda (2020) fala sobre os territórios da infância a partir de suas memórias de vida e a possibilidade de ampliar a aproximação da infância com a natureza por meio de um quintal.

Não posso esquecer dos quintais da infância desse menino. Sim, eram muitos. Mas um deles em particular, seduzia as memórias de criança. Ele pulsa o tempo todo na minha criança grande, no adulto que eu sou: o quintal da casa dos meus avós. Nas minhas memórias afetivas ele está dividido em dois territórios bem definidos: a horta do meu avô e o jardim da minha avó. Eram fantásticos esses territórios (Miranda, 2020, p.99)!

Um quintal ou o pátio de uma escola marcam a existência do lugar na memória, e como diz bell hooks (2022), “traçamos nossa vida por meio de tudo que lembramos” e “conhecemos a nós mesmos pela arte de recordar” (bell hooks, 2022, p. 26). A autora fala do pertencimento, como uma forma de homenagear o passado para revisar e

renovar nosso compromisso com o presente. Assim, os espaços ao ar livre, tornam-se lugares de significação, onde as memórias se entrelaçam com a experiência vivida. Esses lugares, territórios afetivos, contribuem de alguma maneira para a constituição de cada sujeito e suas percepções de mundo. Ao recordar o vivido ao ar livre, em espaços verdes, abertos, em conexão com o ambiente natural, é reforçada e fortalecida a relação com o passado e com a natureza. O indígena Ailton Krenak também faz uma reflexão sobre as aprendizagens que vivenciou durante sua infância, no seu quintal, uma floresta. Ele fala da liberdade que teve na infância, “de viver uma conexão com tudo aquilo que percebemos como natureza” (Krenak, 2022, p. 102), que proporcionou a ele o entendimento de que também fazemos parte da natureza.

Conforme o exposto, a intenção deste texto é refletir criticamente acerca da importância do desemparedamento e da promoção do contato com a natureza. A ideia é pensar sobre a ausência de vivências e experiências ao ar livre para crianças e adolescentes, assim como suas consequências. Pensar no quanto

é urgente desemparedar, ultrapassar as paredes e muros, remover cimento dos pátios escolares, oferecer quintais, jardins, plantações, criações, riachos, praias, dunas e descampados como espaços de viver-brincar-conhecer. A escola pode ser lugar de experiências étnico-culturais enraizadas, de vivências que devolvam aos infantes humanos a sua condição de pertencimento carnal aos territórios de sua ancestralidade (Tiriba, 2023, p.22).

A desconexão com a natureza e o emparedamento dos espaços que as crianças e adolescentes habitam ressalta a urgência da educação ambiental crítica e suas possibilidades. Uma educação ambiental que “exige posicionamento de seus sujeitos quanto a projetos de sociedade e de sustentabilidade” (Loureiro, 2019, p.45). Principalmente, diante do cenário de catástrofes ambientais, percebemos o quanto o futuro dos humanos e não-humanos estão ameaçados. A educação não está relacionada somente com o dever de defender o meio ambiente e preservá-lo para as presentes e futuras gerações, assim como o previsto no Art. 225, da Constituição Brasileira (Brasil, 1988). Este posicionamento vai além, necessitando que todos os seres vivos sejam incluídos, não só os humanos, e que seja pensado e planejado o futuro com foco no viver bem, no viver bem juntos. Esta seria uma forma de renovar o compromisso “com a criação de um mundo no qual todas as pessoas possam viver de forma plena e satisfatória, no qual todos tenham a sensação de pertencimento” (bell hooks, 2022, p. 26).

Esse efeito nas atitudes humanas em relação ao ambiente e à natureza — essa desconexão — afeta o próprio sistema educacional,

baseado em princípios predatórios, em uma racionalidade instrumental, reproduzindo valores insustentáveis. Para introduzir uma cultura da sustentabilidade nos sistemas educacionais, nós precisamos reeducar o sistema. Ele faz parte do problema, não é somente parte da solução (Gadotti, 2011, p. 81).

Gadotti nos impulsiona a pensar sobre essa reeducação do sistema, com pensamento crítico sobre as ações, estas por vezes antrópicas, interferindo no ambiente. bell hooks (2020) nos incita a uma reflexão mais crítica, ressaltando a importância essencial de estarmos dispostos a reconhecer que, enquanto seres humanos, não sabemos tudo o tempo todo, principalmente no que se refere a natureza.

OBJETO DA REFLEXÃO

Essa reflexão crítica, também pautada em Loureiro (2019), sobre as ações que interferem no ambiente passam pelo pertencimento ao lugar e pela observação do que ocorre com ele. Como exemplo, temos os eventos climáticos extremos que ocorreram em maio de 2024 no estado do Rio Grande do Sul, resultando em enchentes históricas em diversas cidades. Assim como tantos outros desastres ambientais recentes, esses eventos levantam uma questão urgente sobre o papel da educação: estamos preparando as crianças e adolescentes para enfrentar e mitigar os desastres ambientais?

A situação nos convida a refletir sobre os sistemas educacionais e as formas de ensinar e se estes têm priorizado o desenvolvimento do pensamento crítico para a adaptação e a prevenção de desastres, promovendo uma sociedade mais responsável e resiliente. Há a necessidade da atenção redobrada a tais acontecimentos que afetam diretamente as vidas humanas e não-humanas em cada comunidade e território. Neste sentido, trazemos o pensamento de Krenak (2022) quando se refere aos rios. Segundo ele, estamos perto dos rios, mas parece que não aprendemos nada com eles.

Esse exercício de escuta do que os cursos d'água comunicam foi produzindo em mim uma espécie de observação crítica das cidades, principalmente as grandes, se espalhando por cima dos corpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não termos quase mais nenhum respeito por eles (Krenak, 2022, p. 13).

A ausência desta escuta e do respeito com os elementos da natureza, evidenciam a necessidade de pensar criticamente sobre as cidades. Tomando emprestado este

posicionamento de Krenak (2022), podemos direcionar o olhar para as escolas ou espaços educativos nos territórios urbanos. Cada comunidade escolar poderia (e talvez deveria) pensar, analisar sua realidade e suas particularidades, para reconhecer o seu espaço e sua história. Entender o entorno da escola e o ambiente em que ela está inserida é fundamental, para

facilitar processos de conscientização sobre a forma como conhecemos a realidade[...]. Somos território e o território representa o povo que somos. Contudo, conhecemos a realidade ‘pelos olhos dos outros’, através de mapas e indicadores desenhados e formulados a partir de posições de poder dominantes (Barragán *et al.*, 2020 p. 172).

Barragán (2020) nos faz pensar no cenário em que vivemos e que é necessário desenvolver metodologias inovadoras nas escolas, a partir de processos coletivos capazes de reconectar as pessoas com os problemas e as desigualdades dos territórios. Com olhar para as experiências educativas nas escolas e seu entorno, este artigo traz um pouco de esperança, a partir de um relato crítico e sistematizado de uma experiência educativa transcorrida no município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

O projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania, desenvolvido a partir de muitas parcerias e com um olhar para as diferentes realidades que compõem as escolas e os espaços educativos de São Leopoldo/RS, teve origem na Secretaria Municipal de Educação - SMED, dentro do Programa de Educação para a Sustentabilidade na Cidade - PESC. O PESC foi criado em 2020, para incentivar o protagonismo de professores/as e estudantes em suas comunidades, alinhados aos movimentos globais, assim como as emergências locais. As propostas e projetos do PESC se relacionam com diferentes temáticas, entre elas a Educação Ambiental, Educação para o consumo (resíduos) e a Segurança Alimentar e Nutricional. (Grohe; Viel, 2020)

O PESC foi precursor do Núcleo de Educação para a Sustentabilidade na Cidade - NESC da SMED, e deu suporte para muitos projetos, entre eles o Projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania. O objetivo principal deste projeto é contribuir na criação e manutenção das hortas escolares municipais e de escolas conveniadas de São Leopoldo (São Leopoldo, 2024). A horta escolar, consoante a proposta do projeto, é entendida como espaço ao ar livre, de desemparedamento, de aprendizagens e desenvolvimento de práticas pedagógicas, não só de técnicas agrícolas, mas também de ecologia, de preservação, de utilização consciente dos elementos naturais e compreensão sensível do funcionamento da vida.

Nesse sentido, a horta escolar se torna uma ferramenta importante no desenvolvimento da educação, não só ambiental, como também crítica, pois além de conectar conceitos teóricos a práticos, auxilia no próprio processo de ensino e aprendizagem com foco no funcionamento da vida e do planeta Terra. Segundo Gadotti,

Um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmos de todo o mundo natural. Nele encontramos forma de vida, recursos de vida, processos de vida. A partir dele podemos reconceitualizar nosso currículo escolar. Ao construí-lo e cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocionalidade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação (Gadotti, 2011, p. 78).

A horta escolar e as atividades ao ar livre, conforme apontado por Gadotti (2011), são ações locais capazes de englobar diversas percepções e entendimentos. O professor é um ser contextualizado, cujos saberes — tanto aqueles adquiridos na prática quanto os de natureza histórico-social — devem ser integrados a todos os projetos da escola e devem estar presentes em sua prática pedagógica cotidiana.

Dessa forma, a horta permite ações possíveis de serem desenvolvidas no ato pedagógico das relações discentes, docentes e comunitárias. O processo de sensibilização da comunidade pode fomentar iniciativas que transcendam o espaço escolar, atingindo tanto o bairro como as comunidades mais afastadas nas quais residem estudantes, professores/as e funcionários/as, estes potenciais multiplicadores de informações e atividades relacionadas às atividades da horta.

ORIGEM DA PROPOSTA, INTENCIONALIDADE E METODOLOGIA

Segundo o NESC, as atividades propostas pelo Projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania foram fundamentadas na Lei Municipal 8.650/2017, que institui o Programa de Hortas Comunitárias, Familiares e Escolares no Município e também na Lei 9.249/2020 que criou o Composta São Léo, programa de incentivo à prática de compostagem de resíduos orgânicos domésticos em domicílios, instituições públicas ou privadas e condomínios residenciais (São Leopoldo, 2024).

A elaboração do projeto foi planejada a partir do mapeamento das hortas escolares municipais e conveniadas através de formulário específico enviado pelo NESC, no ano de 2023. O formulário foi elaborado através do Google Formulários, que é um recurso digital utilizado para coleta de dados que pode ser acessado a qualquer

momento. Este recurso tecnológico vem sendo utilizado em pesquisas acadêmicas, pois é uma forma de coletar e organizar informações de forma gratuita e rápida. Conforme Mota (2021), estes formulários online possuem características que proporcionam agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, facilitando a utilização e a tabulação dos dados, pois quando respondidos as respostas aparecem imediatamente.

Ao analisar as respostas obtidas neste formulário para mapeamento das hortas, elaborado pelo NESC, foi possível reconhecer a presença das hortas em 60% das escolas, totalizando 66 escolas⁵. Também foi questionado às escolas neste mesmo formulário sobre as dificuldades encontradas para que o trabalho pedagógico na horta fosse realizado. Destacamos no quadro abaixo algumas respostas encontradas no formulário e que contribuíram para a construção do projeto:

Quadro 1: Dificuldades

<p>Pergunta:</p> <p>Existe alguma dificuldade para que o trabalho pedagógico na horta seja realizado, ampliado e/ou qualificado?</p>
<p>Respostas:</p> <p>1.Sim. Falta de manutenção por parte da prefeitura no espaço nos fundos da escola onde temos potencial para ter horta.</p> <p>2.Falta de profissionais para manejo.</p> <p>3.Manutenção.</p> <p>4.Espaço adequado e materiais.</p> <p>5.Sim. Na aquisição de mudas e terra preta e tbm em formação para o grupo para qualificar o trabalho.</p> <p>6.Necessidade de material de mão de obra e plantas.</p> <p>7.Para qualificação, precisamos de recurso financeiro para melhorar o espaço e sua divisão e recurso humano que consiga constantemente estar disponível para estar no espaço. A estratégia utilizada hoje é determinar turmas responsáveis para conseguirmos dar conta da manutenção do espaço.</p> <p>8.Não. Temos uma pessoa com disponibilidade para trabalhar com horta.</p> <p>9.Gostaria de ter mais horas para poder me dedicar à construção da composteira, coleta de água (cisterna) e também cuidar do jardim.</p> <p>10. Há um tempo, tinha horas destinadas para isso (a Secretaria de Educação pagava horas para o professor) agora não tem mais, eu faço isso no sábado, mas não sei até quando, isso vai desmotivando.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

⁵ São Leopoldo conta com 50 escolas municipais e 42 conveniadas.

As respostas 1 a 7 obtidas no formulário aplicado pelo NESC e apontadas no quadro acima, evidenciam a falta de atenção do poder público no que se refere a manutenção, falta de profissionais especializados, recursos financeiros e qualificação. Também é constatado nas respostas 8 a 10, a aceleração da vida e das aprendizagens nas escolas e quando não há tempo, espaço e pessoas disponíveis para a realização de metodologias e aprendizagens mais lentas como a proposta de uma horta.

Neste sentido, e com a intenção de contribuir para as necessidades evidenciadas a partir das respostas do formulário, a equipe do NESC buscou por parcerias que pudessem auxiliar na construção e manutenção das hortas escolares. Uma das parcerias estabelecidas foi com a Escola Técnica Estadual Visconde de São Leopoldo, uma escola com cursos técnicos em Agropecuária e em Florestas que existe na cidade de São Leopoldo, desde o ano de 1944. Os estudantes do primeiro ano dos referidos cursos técnicos contam em seus currículos com uma disciplina prática em olericultura. Nesta disciplina de olericultura, além de atuar na horta da própria Escola Agrícola, os estudantes passaram a também atuarem na manutenção das hortas das escolas municipais através do Projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania.

Também são parceiros do projeto, na área técnica para planejamento dos espaços e do sistema de irrigação, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER e o Serviço Municipal de Água e Esgoto - SEMAE.

É importante salientar que cada escola atendida já apresentava uma proposta pedagógica consolidada, planejada e estabelecida em seu contexto socioambiental, através do seu Projeto Político Pedagógico ou Projeto de Educação para a Sustentabilidade. A partir das atividades desenvolvidas na horta, outras ações pedagógicas, sociais, ambientais, nutricionais e de cidadania também passaram a ser desenvolvidas.

Também destaca-se a resposta 6 do Quadro 1 - sobre as dificuldades para que o trabalho pedagógico na horta fosse realizado, ampliado e/ou qualificado. Foi apontada na referida resposta sobre a necessidade de material adequado, de mão de obra e plantas para a implementação da horta no espaço escolar. Assim, a partir de um Estudo Técnico Preliminar⁶ realizado pela equipe do NESC, foi possível a identificação e análise para o

⁶ Estudo Técnico Preliminar (ETP) é um documento que integra a fase de planejamento das contratações públicas e tem o objetivo de demonstrar a real necessidade da contratação, analisar a viabilidade técnica de implementá-la, bem como instruir o arcabouço básico para a elaboração do Termo de Referência ou Projeto Básico.

atendimento da demanda constatada, que foi a necessidade de materiais e insumos para as hortas das escolas da rede municipal e a manutenção destes espaços. Através deste estudo, foi implementada a primeira etapa da aquisição de ferramentas, materiais e insumos para o desenvolvimento do projeto pela Secretaria Municipal de Educação. Dessa forma, como etapa inicial do projeto, em 2023, foram adquiridos materiais e insumos para 4 escolas. Existe a previsão de ampliação do projeto, contemplando as hortas escolares de São Leopoldo em sua totalidade para os próximos anos.

Dessa forma, a partir das pesquisas, mapeamentos e planejamentos já realizados pelo NESC, para este estudo optamos pela utilização da metodologia quali-quantitativa (Minayo, 1997). Primeiramente, foi realizado aprofundamento teórico sobre o conceito de desemparedamento, tendo como principal referência os estudos de Léa Tiriba. O intuito foi o de aprofundar o conhecimento sobre o conceito de desemparedamento, a fim de melhor explicar o objeto desta pesquisa. Em um segundo momento, a partir das respostas obtidas através do formulário enviado pelo NESC para as escolas, optamos por uma análise cuidadosa das respostas, com o intuito de não simplificar os dados e conduzir para conclusões superficiais ou equivocadas (Minayo, 1997). Em terceiro momento, foram acompanhadas algumas atividades nas hortas de 4 (quatro) escolas. Duas Escolas Municipais de Educação Infantil, denominadas EMEI A e EMEI B, e duas Escolas Municipais de Ensino Fundamental, denominadas EMEF A e EMEF B.

Nesta ação, pudemos “captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (Minayo, 1997, p. 59). Também foram realizadas conversas informais com as professoras e estudantes envolvidos, assim como registros em fotos e diários de campo. A fotografia foi utilizada como registro visual, que “amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado” (Minayo, 1997, p. 63). Por fim, através da análise dos dados, foi possível um melhor entendimento sobre as hortas escolares e constatar o quanto elas são propostas de resistência ao sistema capitalista vigente nas cidades.

Vive-se uma época com muitos desafios e, que segue “imperativos sistêmicos das sociedades capitalistas modernas, por meio de normas, prazos e regulações temporais” (Rosa, 2022, p. 8). Percebe-se a necessidade de uma aprendizagem “sem pressa” através do funcionamento e dinâmica das hortas, baseada na pedagogia dos

caracóis, apresentada por Rubem Alves (2014), seria necessário pensar que a “lentidão é uma virtude a ser aprendida num mundo em que a vida é obrigada a correr o ritmo das máquinas” (Alves, 2014, p. 79). Este pensamento voltado a uma cidade *slow*, está fundamentado no movimento *Slow*, que faz uma crítica ao modo de vida fundamentado na “aceleração, na padronização da alimentação, na supressão das identidades locais e na exploração do trabalho, contrapondo a esses valores a ideia de uma atitude ecológica e sem pressa” (Carvalho, 2008, p. 101).

Neste sentido, Krenak (2022) também nos alerta para pensar criticamente sobre o nosso modo de viver, num mundo competitivo e com uma única narrativa, onde acabamos por projetar um futuro improvável. O indígena nos recomenda evitar este modo de vida, onde o “risco de projetar um futuro assim é muito grande, pois vem embalado em ansiedade, fúria e uma tremenda aceleração do tempo” (Krenak, 2022, p. 97).

A seguir apresentaremos algumas imagens de escolas e espaços educativos e suas hortas e serão realizadas algumas análises das propostas e conceitos apresentados neste texto.

DESEMPAREDAR, CULTIVAR CIDADANIA E (RE)EXISTIR

O projeto aqui descrito existe desde 2020 e vem sendo ampliado a cada ano letivo, para dar suporte técnico e apoio para a manutenção das hortas, como mencionado anteriormente. O projeto aponta para a promoção do contato com a natureza, fundamental para o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes, como também para a preservação do nosso planeta. Neste sentido, a educação ambiental é “vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária” (Jacobi, 2003, p. 198).

Essa promoção do contato com a natureza também é apontada pelo Movimento Quintais Brincantes, em sua publicação *Sobrevoos por Vivências Educativas Brasileiras* (2022). Na referida publicação, são pesquisados 52 espaços brincantes, sendo que 44 destes apresentaram a horta como sua principal ação sustentável. A intenção *deste e-book* é trazer dados, relatos e imagens que direcionam para uma percepção sobre os quintais, enquanto “espaços vivos, em constante transformação, amadurecendo com

suas próprias vivências, em ação-reflexão-ação” (Quintais Brincantes, 2022, p. 15). Assim, a horta torna-se, além de uma grande oportunidade de promover o desemparedamento, um espaço para cultivar a cidadania e (re)existir enquanto manutenção da vida,

Pois só é capaz de cuidar da natureza quem a ama, e para isso, é preciso conhecê-la intimamente. Lidar na horta, saber de onde vem os alimentos, brincar com terra, com lama, tomar banho de chuva, explorar e conhecer os pequenos animais que vivem nos ambientes e dentre outras coisas que achamos ser fundamental de se viver na infância (Quintais Brincantes, 2022, p. 27).

Assim como as experiências trazidas pelos “Quintais Brincantes”, no que se refere ao Projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania, desenvolvido em São Leopoldo, é possível observar algumas ações pedagógicas realizadas, bem como algumas análises das atividades desenvolvidas nestes espaços por nós identificados como de “educação para a cidadania” (Jacobi, 2003, p. 197).

Destacamos também as parcerias estabelecidas para a manutenção das hortas. Parcerias são importantes para as comunidades e para as escolas também. “Não fizemos quilombo sozinhos”, como traz Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 27), falando da confluência de saberes indígenas e africanos necessários na formação dos quilombos. Assim, outros conhecimentos chegam nos espaços escolares e juntam-se aos existentes numa confluência de saberes necessários para a construção de novos projetos.

Na Imagem 1⁷, vemos uma criança de uma turma da educação infantil (EMEI A) e sua professora numa aula ao ar livre, na horta, na colheita de vegetais. Esta professora propõe atividades na horta e demonstra uma “re-orientação da educação”, que “envolve ensinamentos e instruções que não somente aumentam o conhecimento, mas incentivam o desenvolvimento de habilidades e valores que orientarão e motivarão para estilos de vida sustentáveis” (Legan, 2007, p. 12).

Krenak (2022) também reforça que as crianças nas escolas e nas cidades vivem uma lógica de formatação, de moldagem das as crianças, que, “com sete ou oito anos de idade já começa a ser treinada para ignorar o meio ambiente”, onde a criança não pode mexer na terra e sujar as mãos (Krenak, 2022, p.109). Ele questiona: “Quando foi que terra virou sujeira?” (Krenak, 2022, p.110), reforçando a lógica perversa de privar a criança deste contato com o solo, de onde brota a vida das plantas que nos servem de

⁷ Todas as imagens deste artigo foram autorizadas através de Termo de Autorização de Uso de Imagem disponibilizado pelos espaços educativos e escolas onde foram desenvolvidos o projeto.

alimento. As crianças lidam na horta, na rega das hortaliças e também vivenciam a importância dos elementos não humanos, como a terra, tão essenciais para todas as vidas.

Krenak (2022) tem uma visão profunda e espiritual sobre a água, a considera uma entidade viva, sagrada, essencial para a existência e equilíbrio do planeta. Para ele a água é mais que um recurso natural, é uma entidade. Neste sentido, podemos pensar o quanto, enquanto humanos, somos seres aquáticos, pois dependemos da água, assim como os outros seres vivos. Krenak destaca que “sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios” (Krenak, 2002, p.13) . Para isso, nas escolas é preciso sair, ver, sentir, tocar, enfim, desemparedar.

Imagem 1: Educação Infantil e reconexão



Fonte: EMEI A, 2024.

Nas Imagem 2, podemos ver a professora da EMEF A em atividade ao ar livre com seus alunos, exemplificando o movimento do desemparedamento das atividades pedagógicas nesta escola. Segundo Léa Tiriba (2005), é fundamental que as crianças se reconectem com os espaços verdes, ultrapassando as paredes da sala de aula. O contato

contínuo e permanente com o ambiente ao ar livre modifica significativamente o processo de aprendizagem e a relação com o mundo ao seu redor.

Imagem 2: Professora e o cuidado com a horta



Fonte: EMEF A, 2024.

A horta revela o potencial de um pátio escolar. As atividades propostas neste espaço ao ar livre levam a promover a retomada das relações estreitadas com a natureza e a “reintegração ao universo do qual somos parte” (Tiriba, 2018, p. 194). Nesta linha de pensamento, Tiriba (2018) destaca que a proposta é que as professoras, através da dinâmica cotidiana ao ar livre, tenham a oportunidade de oferecer tempo, ambiente, sensações e interações que contribuam para a constituição dos/das estudantes. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo pode ser uma forma de educação ambiental crítica (Loureiro, 2019), que promove transformação no mundo. “Não para um tempo e um lugar imaginários, mas para o ponto em que estamos agora” (Krenak, 2022, p. 103). Para o indígena, a própria educação não pode ser associada ao futuro, pois “afinal, ele é imaginário, e a educação é uma experiência, que tem que ser real” (Krenak, 2022, p. 107).

Nas Imagem 3, podemos ver os estudantes da EMEF A, atuando na colheita das alfaces por eles produzidos e que serão consumidos na merenda escolar, promovendo a alimentação saudável. Essa utilização dos produtos cultivados pelos próprios estudantes é uma proposta pedagógica da escola que trata da temática da segurança alimentar e nutricional. Essa temática é uma proposta do Guia Alimentar para a População Brasileira (2006), um documento que traz as primeiras diretrizes alimentares oficiais sobre o assunto e aponta que

O cultivo doméstico de alimentos orgânicos é outra opção que você deve considerar. Uma horta, mesmo que pequena, plantada nos quintais das casas ou em vasos pendurados em muros ou apoiados em lajes ou sacadas, oferece, a baixo custo, quantidade razoável de alimentos *in natura* muito saborosos (Brasil, 2006, p. 106).

Nas escolas o plantio de uma pequena horta proporciona, para além da colheita de alimentos orgânicos como o descrito no Guia Alimentar, também é possível perceber a interação, o cuidado, o zelo pelo alimento. Este ato pedagógico, ao ar livre, proporciona diversas aprendizagens e contribui para a constituição de sujeitos mais ecológicos. (Carvalho, 2002).

Imagem 3: Ensinando segurança alimentar e nutricional



Fonte: EMEF A, 2024

Na Imagem 4, vemos um pouco da horta da EMEI B no dia do recebimento dos materiais adquiridos no ano de 2023 pela Secretaria de Educação - SMED, por meio do projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania, conforme mencionado anteriormente. Esta escola é um espaço que atende crianças da educação infantil de 4 e 5 anos, onde o espaço ao ar livre é muito explorado, exemplificando bem a ideia do desemparedamento e do livre brincar. A proposta pedagógica desta escola envolve, como descrito anteriormente, muitas percepções e entendimentos. Como aponta Tiriba (2018), essa proposta é um “caminho potente”, “de apostar nas escolhas das crianças, confiando que elas sabem identificar as experiências” (Tiriba, 2018, p. 197). A horta recebe apoio não só da mantenedora e do projeto aqui apresentado, como de muitos pais e colaboradores da comunidade escolar. Krenak (2022) também fala das crianças e suas escolhas dentro da comunidade, que essa escolha por “um outro mundo pode ser feita pelas crianças, não pelos adultos” (Krenak, 2022, p.106).

Imagem 4: Inaugurando as ferramentas



Fonte: SMED São Leopoldo/RS, 2023

Antes da análise final de avaliação do projeto, gostaríamos de trazer também outro espaço educativo que o Projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania alcançou em São Leopoldo. Trata-se da Comunidade Indígena Kaingang, que recentemente recebeu os estudantes do Colégio Agrícola e está dando início a sua horta. A ideia neste local é dar suporte e meios para a implementação de um projeto elaborado pelos

próprios indígenas e, que visa resgatar os saberes ancestrais mediante uma horta, que inclui o plantio de ervas, plantas medicinais e alimentos tradicionais da cultura Kaingang. O referido documento indígena apresenta o projeto *Nãn Ga Fag RanhRanh* - Trabalho das Mulheres Donas da Mata, como uma iniciativa que “busca fortalecer a identidade cultural da Terra Indígena”, através da construção de um Memorial Histórico-Cultural da Mulher Indígena; uma casa tradicional semi-subterrânea e uma horta tradicional medicinal.

Na Imagem 5, podemos observar um pouco deste início na Comunidade Indígena e a integração entre os estudantes kaingang e os do Colégio Agrícola. Foi observada a necessidade do “retorno para a terra” (Krenak, 2022). Um momento para a troca dos conhecimentos ancestrais e os conhecimentos técnicos. Um dos indígenas fez os primeiros plantios de mandioca. A cada muda plantada, ele orientava as crianças a dizer: “Nasça bem pra mim”. Um ensinamento de seu avô.

Imagem 5: Horta das relações étnico-raciais



Fonte: Comunidade Kaingang, 2024

Como demonstrado na sequência reflexiva acima exposta, a experiência desenvolvida e vivenciada através do projeto atingiu diferentes escolas. O Projeto

Hortas Escolares: Cultivando Cidadania atendeu em 2024, até o mês de novembro, 10 (dez) escolas de São Leopoldo, envolvendo 15 professores e cerca de 550 estudantes.

Esta experiência vivenciada e a relação intercultural com a comunidade indígena e também na relação com a natureza, promove o pensamento crítico da realidade, principalmente no que se refere ao reconhecimento de outras formas de estar e existir no mundo, como vemos na fala de uma estudante da Escola Agrícola em uma das atividades propostas pelo projeto: “Eu me encontrei lá Lembrei da infância..... Me senti muito bem, parece que é o meu lugar”. (Estudante da Escola Agrícola, 2024).

A estudante, ao colocar as mãos na terra junto com os estudantes da aldeia, ao contribuir para a produção de alimentos, desde de uma lógica indígena e, ao mesmo tempo, técnica, pois contribui com suas aprendizagens, percebeu o quanto aquele também é o seu lugar.

PENSAR E AVALIAR A IMPORTÂNCIA DO PROJETO HORTAS ESCOLARES: CULTIVANDO CIDADANIA

Para concluir a análise proposta pelos autores deste artigo, foi enviado aos professores das escolas que participaram do projeto um formulário específico. Das 10 escolas que receberam o projeto em 2024, apenas 6 (seis) responderam ao formulário. No quadro 2 apresentamos as respostas dos professores sobre as atividades do projeto realizadas até o mês de maio de 2024.

Quadro 2: Avaliando o projeto

Pergunta: Como você avalia o Projeto Hortas: Cultivando Cidadania?
Respostas: <ol style="list-style-type: none">1) Esse projeto é importante, porque aqui na escola, temos vários espaços que podemos aproveitar para cultivar alimentos, chás e aromáticas, porém nossos alunos não sabem como fazê-lo e nós professores ficamos envolvidos com tantas demandas que muitas vezes não nos propomos a construir uma horta. Os alunos que vieram à nossa escola eram muito interessados e maduros. Eles interagiram com as crianças no espaço da educação infantil, onde foi construída a horta. Quando estão somente os nossos estudantes, alguns ficam fazendo brincadeiras inapropriadas e isso impede que alguns professores os levem para espaços como o da horta para essa tarefa de construir canteiros. Os estudantes que compareceram à escola para esse projeto realizaram um ótimo trabalho.2) Excelente proposta que alia saberes e promove a integração entre as instituições escolares e a manutenção de uma proposta pedagógica que traz a sustentabilidade das relações e do cuidado com a vida para o centro das intencionalidades educativas.3) O projeto oportunizou uma vivência de grande valia para a escola, professora e alunos. Os

estudantes do Colégio Agrícola nos auxiliaram na preparação da terra, plantação e construção de uma cerca de proteção, sempre muito educados, prestativos e atenciosos.

- 4) Muito bom. Excelente trabalho.
- 5) Excelente proposta que aproxima as crianças dos elementos naturais, favorecendo uma relação sustentável com o meio em que vivem e fortalecendo o hábito da alimentação saudável.
- 6) O projeto é muito interessante, a participação das estudantes foi fundamental para o início da organização da horta da escola, elas, literalmente, colocaram a mão na massa juntamente com os estudantes da turma, nesse dia fizemos os canteiros para o início do plantio. Seria bem legal se mais escolas aderissem ao projeto, visto que temos em nosso município uma escola, um grupo que se dedica à hortas escolares, precisam aproveitar e usar a nosso favor, visto que alimentação saudável, reaproveitamento de alimentos são temas fundamentais em qualquer momento da nossa existência.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

Podemos observar, por meio de todas as respostas da avaliação dos professores das escolas onde o projeto foi desenvolvido, a importância da horta e das atividades propostas como processos promotores da cidadania, tendo na educação ambiental “a possibilidade de abertura de estimulantes espaços para implementar alternativas diversificadas de democracia participativa, notadamente a garantia do acesso à informação e a consolidação de canais abertos para uma participação plural” (Jacobi, 2003, p. 192).

Também relacionamos as respostas ao pensamento de Gadotti (2011) que nos fala do mundo dentro de nós e muito próximo de nós. O autor destaca que a partir de um jardim ou uma horta “podemos reconceitualizar nosso currículo escolar” (Gadotti, 2011, p. 78), construindo e cultivando muitas aprendizagens. A horta e os jardins nos ensinam “ideais democráticos: conexão, escolha, responsabilidade, decisão, iniciativa, igualdade, biodiversidade, cores, classes, etnicidade e gênero” (Gadotti, 2011, p. 78).

Na resposta 5, salienta-se o alcance dos objetivos, em relação à proposta de aproximar as crianças da natureza, de promover a sustentabilidade e a alimentação saudável. Na resposta 6, podemos perceber que a professora demonstra entendimento da importância do projeto e da presença de uma horta no espaço escolar. A referida professora também destaca a temática da alimentação saudável e a própria horta como fundamentais para a nossa existência. Sobre as vivências ao ar livre, Léa Tiriba nos diz que “podem ser entendidos como possibilitadores de aprendizagens de corpo inteiro” (Tiriba, 2005, p. 207), incluídas a curiosidade, a contemplação, as sensações, as emoções e as alegrias no tempo presente, no aqui e agora. O estar ao ar livre promove

muitas vivências, como já foi salientado, mas também ameaça uma visão de mundo na lógica capitalista. Assim, a aula ao ar livre, na horta, pode ser uma ameaça não só pela questão do perigo, da sujeira, da doença e da falta dos limites físicos das paredes. Estar lá fora, na horta, promove liberdade de corpo e de mente, promove criatividade.

Por esta afecção produtiva, os espaços ao ar livre não são considerados como lugares de aprendizagens escolares sistemáticas, implicando em que, do ponto de vista do planejamento pedagógico, o lado de fora seja, comumente, o lugar do nada. Quando ele inclui os espaços naturais, via de regra, visa a observação crítica, o domínio e o controle da natureza, não a contemplação, a conservação, ou mesmo a preservação (Tiriba, 2005, p. 209).

Essa liberdade de estar ao livre promove uma não distinção entre seres vivos e natureza, uma forma de entendimento descrita por Krenak (2022) como uma sensação de que somos “uma extensão de tudo, e ter essa experiência do sujeito coletivo” (Krenak, 2022, p. 102). E essa potencialidade de sentimento de pertencimento a um todo, de forma que poderíamos transformar o mundo, “poderia ser uma forma de educação” (Krenak, 2022, p. 102).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No projeto aqui apresentado, podemos ver uma proposta de desemparedamento em reconexão com a natureza, pautada na Educação Ambiental crítica, participativa e dialógica. Na urgência de promover o desemparedamento das crianças e adolescentes, oferecer a eles quintais, jardins, hortas e diferentes formas de plantações como espaços de viver, de brincar livremente, de conhecer e (re)existir possibilita exercitar a cidadania. A escola pode ser este lugar de experiências étnico-culturais enraizadas, de vivências que devolvam aos infantes humanos a sua condição de pertencimento carnal aos territórios de sua ancestralidade. Conforme mencionado anteriormente, o referido projeto promove nos espaços educativos uma reflexão crítica sobre a vida urbana emparedada e sobre esta reconexão para sentir-se presente no ambiente/natureza e como parte dele/a.

Pode ser que, com este olhar crítico reflexivo, reconfigurado por muitas e outras lentes (e talvez somente desta forma), essa nova geração se torne um pouco mais interessada pelas atividades desenvolvidas ao ar livre, como na horta. E também por outras ações pedagógicas, sociais, ambientais, nutricionais e de cidadania promovidas por esta forma de desemparedamento. Ou pelo menos um pouco mais seguros da sua capacidade de oferecer respeito, reconhecimento, (re) existências e melhores condições

de vida para as gerações atuais e às gerações futuras (não só humanas, de todos os seres vivos), sendo mais ecológica, mais social e mais intercultural, numa era em que necessitamos revelar coragem para enfrentar esses desafios.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Tradução: Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante, 2016.

ALVES, Rubem. **A pedagogia dos caracóis.** 5 ed. Campinas, SP: Verus, 2014.

BARRAGÁN GIRALDO, D. F; SANCHEZ CORRALES, N.; CRUZLO, A. Cartografía Social, usos y sospechas en el campo de la educación. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, n. 89, p. 179-198, 2020.
<https://www.redalyc.org/journal/279/27963020015/27963020015.pdf> Acesso em: 09 out 2024.

bell hooks. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante. 2020.

bell hooks. **Pertencimento: uma cultura de lugar.** São Paulo: Elefante. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa.** Capítulo VI – Do Meio Ambiente, Art. 225, 1988. Disponível em:
https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=318230
Acesso em: 24 jan 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014. Disponível em:
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf Acesso em: 25 nov 2024.

BISPO dos Santos, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. Disponível em
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7944144/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf Acesso em: 16 out 2024.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Slow food e a educação do gosto. Um movimento social sem pressa. Prâxis. **Revista do ICHLA**, [S. l.], 2008.

DIAS, Maria Ana Peixe; ROSÁRIO, Inês Teixeira e CARVALHO, Bernardo P. **Lá Fora** Guia para descobrir a natureza. Portugal: Planeta Tangerina, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: Ensinar e aprender com sentido. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. Acesso em: 08 out 2024. Disponível em https://www.paulofreire.org/download/boniteza_ebook.pdf

GROHE, Sandra Lilian Silveira Grohe; VIEL, Vitória Regina Casagrande. Formação docente em tempos incertos: Programa Educação para a Sustentabilidade na Cidade – PESC. In: **Anais do XII Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental - EDEA**, 2020, Rio Grande. FURG, 2020. p. 894-898. Disponível em: https://dcfb3c50-7f22-4ccf-a169-12bc3babcf49.filesusr.com/ugd/83c8a2_482da1b5b2bd4f1daa953ded6104d926.pdf Acesso em: 28 out. 2024.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**. N. 118, p. 189 - 206. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf> Acesso em: 27 jan. 2008.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

LEGAN, Lúcia. **A Escola Sustentável**: Eco-alfabetizando pelo ambiente. 2 ed. atualizada e revisada. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Ecocentro IPEC, 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educação Ambiental**: questões de Vida. São Paulo: Cortez, 2019.

MIRANDA, Mogar Damasceno, Territórios Naturais e as Infâncias: Possibilidades, Vivências e Aprendizagens. In: DAMASCENO, Mônica Maria Siqueira (org.) **Relação sociedade-natureza, saúde e educação: reflexões multidisciplinares**. Crato, CE : Quipá, 2020. Disponível em <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/583436/1/LIVRO%20SOCIEDADE%20NATUREZA.pdf> . Acesso em: 16 jun. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa social teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na Pesquisa Acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, ed. 12, p. 371-380, 16 ago. 2021. Disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1106> Acesso em: 28 out 2024.

QUINTAIS BRINCANTES: **Sobrevoos por Vivências Educativas Brasileiras**. Instituto Alana: 2022. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2022/10/Quintais-Brincantes-Sobrevoos-por-Vivencias-Educativas-Brasileiras.pdf> Acesso em: 18 nov 2024.

ROSA, Hartmut. **Aceleração e alienação**: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis: Vozes, 2022.

SÃO LEOPOLDO. Lei nº 8650, de 04 de agosto de 2017. Institui o **Programa de Hortas Comunitárias, Familiares e Escolares no Município de São Leopoldo** e dá

outras providências. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/sao-leopoldo/lei-ordinaria/2017/865/8650/lei-ordinaria-n-8650-2017-institui-o-programa-de-hortas-comunitarias-familiares-e-escolares-no-municipio-de-sao-leopoldo-e-da-outras-providencias> Acesso em: 28 out 2024.

SÃO LEOPOLDO. Lei nº 9.249, de 06 de agosto de 2020. Cria o **Composta São Léo, Programa de Incentivo à Prática de Compostagem de Resíduos Orgânicos Domésticos em domicílios, instituições públicas ou privadas e condomínios residenciais**. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/sao-leopoldo/lei-ordinaria/2020/925/9249/lei-ordinaria-n-9249-2020-cria-o-composta-sao-leo-programa-de-incentivo-a-pratica-de-compostagem-de-residuos-organicos-domesticos-em-domicilios-instituicoes-publicas-ou-privadas-e-condominios-residenciais> Acesso em: 28 out 2024.

SÃO LEOPOLDO, Prefeitura Municipal de. **Projeto Hortas Escolares: Cultivando Cidadania**. NESC São Leopoldo/RS, 2024. Disponível em:

<https://sites.google.com/edu.saoleopoldo.rs.gov.br/nescsaoleo/projeto-hortas-escolares-cultivando-cidadania> Acesso em: 28 out 2024

SIBILIA, Paula. 2012. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. Disponível em

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5298878/mod_resource/content/1/14.%20Sibilia%20-%20Redes%20ou%20paredes.pdf Acesso em: 21 out 2024.

SILVA, Odair Vieira da. Sistemas Produtivos, Desenvolvimento Econômico E Degradação Ambiental. **Revista Científica Eletrônica Turismo** Periodicidade Semestral – Ano III Edição Número 5 – Junho de 2006. Disponível em

http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/gragovnovl7cvqe_2013-5-20-16-53-38.pdf Acesso em: 15 out 2024.

TIRIBA, Léa; SANTOS, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos; SCHAEFER, Kátia Almeida Bizzo. Na contramão da BNCC: do emparedamento colonizador ao livre brincar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, e86018, 2023. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/er/a/XVpYGjkqdKxvqwCHkXgSVXK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 16 jun de 2024.

TIRIBA, Léa. **Educação infantil como direito e alegria**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, Léa. **Crianças, Natureza e Educação Infantil**, 2005. Tese de Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Brasil. Orientador: Leandro Konder. Disponível em

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=7704&idi=1> Acesso em: 16 nov 2024.